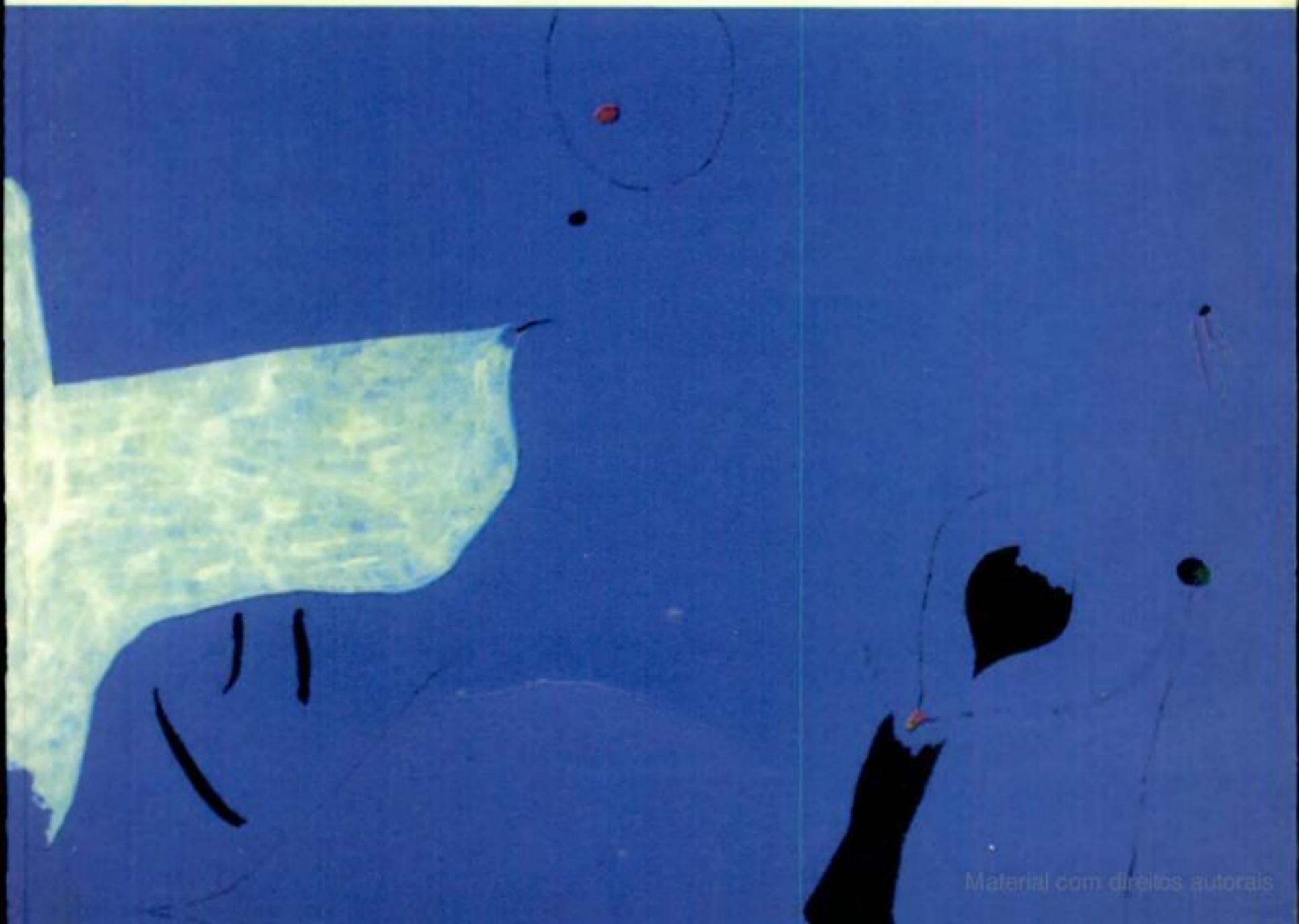


PAUL CARTLEDGE

Demócrito



© 1997 Paul Cartledge

Título original em inglês: *Democritus. Democritus and Atomistic Politics*,
publicado em 1997 pela Phoenix, uma divisão
da Orion Publishing Group Ltd.

© 1999 da tradução brasileira:
Fundação Editora da UNESP (FEU)

Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 232-7171
Fax: (0xx11) 232-7172
Home page: www.editora.unesp.br
E-mail: feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartledge, Paul

Demócrito: Demócrito e a política atomista / Paul Cartledge;
tradução de Angelika Elisabeth Köhnke. – São Paulo: Editora
UNESP, 2001. – (Coleção Grandes Filósofos)

Título original: *Democritus. Democritus and atomistic politics*.
Bibliografia.

ISBN 85-7139-350-8

1. Demócrito 2. Filosofia grega antiga I. Título.

01-1568

CDD-182.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Demócrito: Filosofia grega antiga 182.7

Editora afiliada:

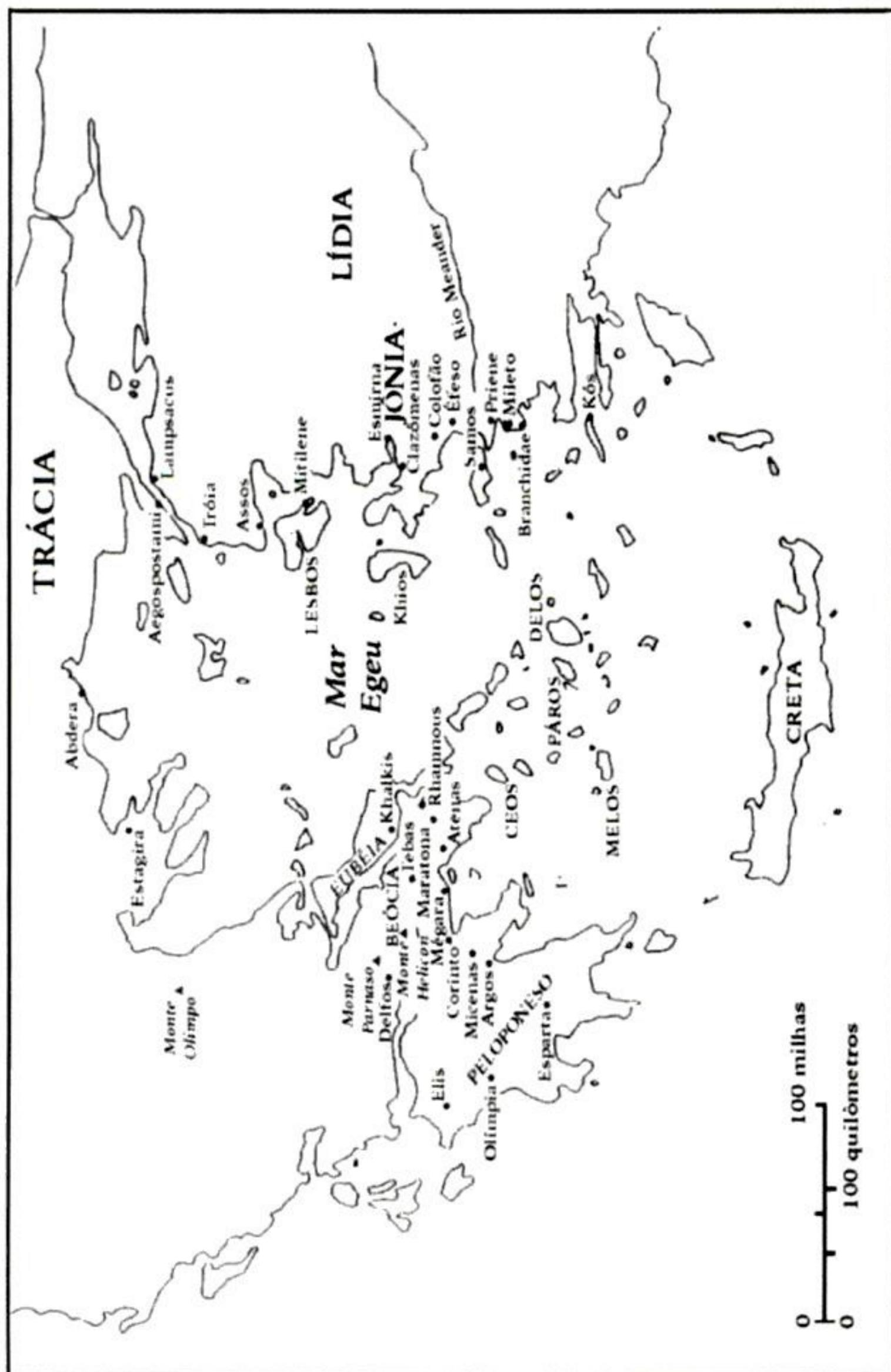


Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

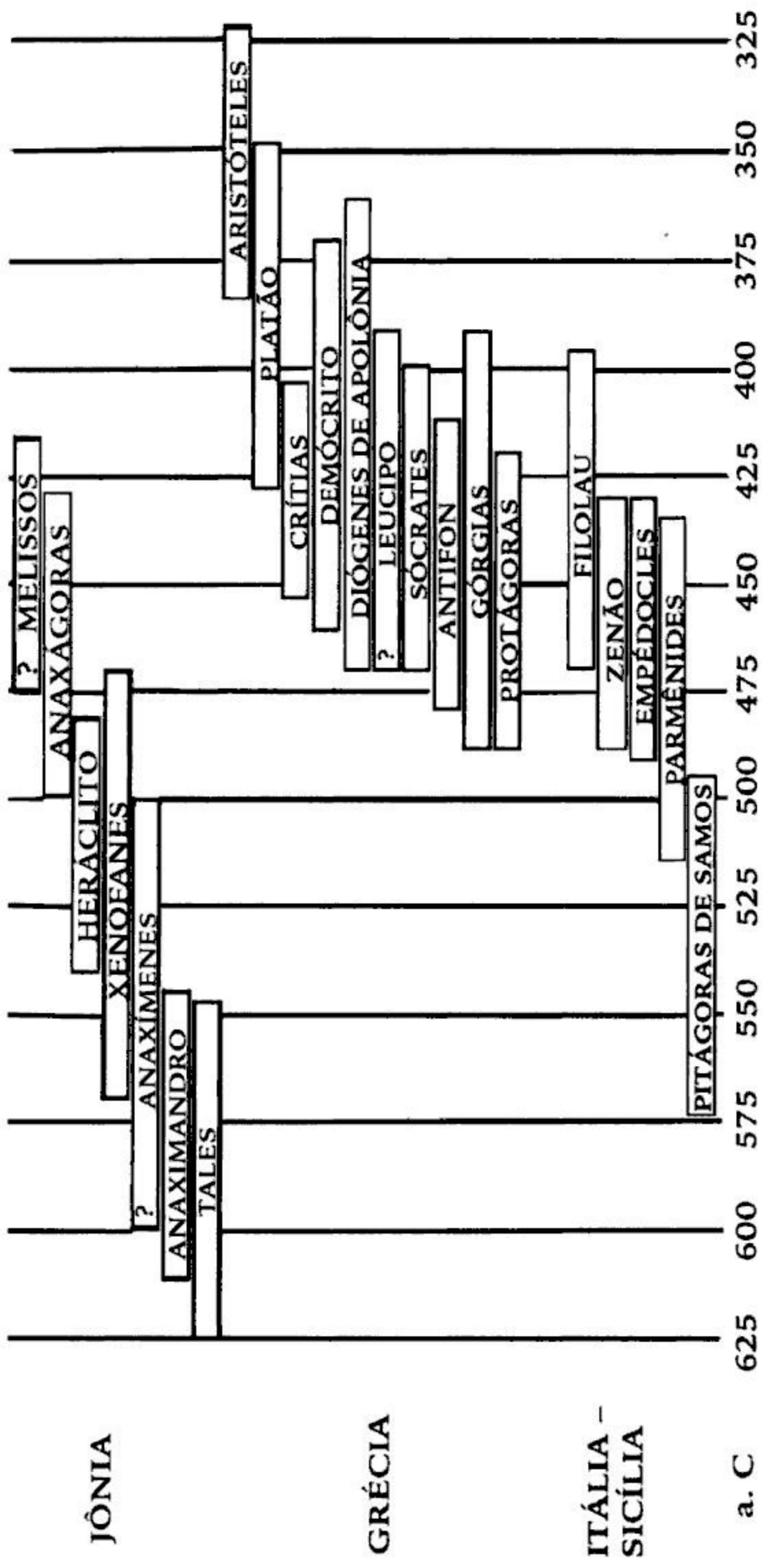




**Grécia e
Ásia Menor
Occidental**

*Numa corrida de caucus sem alvo,
Os átomos movem-se apressadamente pelo espaço vazio
Ou numa dança lunática de daroeses
De cujo rodopio, por puro acaso
A ordem de algum modo vem a ser –
O céu e as estrelas, e essa terra verde.
Formas vivas de toda espécie,
Até que enfim a mente emergente
Cintila por um breve momento, e depois
As coisas desmoronam para o caos novamente.
O velho Demócrito, como ele ria –
Trama ao mesmo tempo sublime e tola.*

*de Filósofo risonho/Filósofo choroso
de John Heath-Stubbs*



Dada a incerteza de nossas evidências sobre as datas dos filósofos pré-socráticos, essa linha de tempo é somente aproximada.

AGRADECIMENTOS

Frederic Raphael teve a gentileza de solicitar este pequeno texto. O meu colega de Cambridge, professor David Sedley, ofereceu sábios conselhos e orientação bibliográfica, sobretudo a respeito do “vazio”. Meu ex-pupilo de graduação James Warren, outro genuíno conhecedor de Demócrito, fez generosos e valiosos comentários sobre os primeiros esboços. Quaisquer infelicidades e erros remanescentes devem ser atribuídos à condição mal-instruída da minha alma.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nos” (D/K A44, 45, 46).² Se existe algo que marca crucialmente a *descontinuidade* entre a investigação da natureza pelos antigos gregos e a teoria e prática científica moderna, é, sem dúvida, a cisão do átomo, feita em 1932 por Cockcroft e Walton em Cambridge, e a descoberta, através de experimentos, das partículas subatômicas.

Que Demócrito tenha vivido no século V a. C. é, porém, tão certo quanto pode ser qualquer proposição sobre o passado. No entanto, apesar de sua fama claramente justificada na Antigüidade – tanto Aristóteles, quanto seus discípulos Teofrasto, Epicuro, seu companheiro Metrodorus e os principais estóicos, Cleanthes e Sphaerus, dedicaram tratados a sua obra –, a vida de Demócrito é, para nós, um livro praticamente fechado. Diógenes de Laércio, que elaborou o com-

2 D/K B116 – Fragmento B 116 na edição padrão dos textos originais de H. Diels e W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 6. Ed. (Berlim, 1952), que, incluindo testemunhos e obras espúrias, chega a mais de cem páginas (a seguir, referido por D/K). Os fragmentos da Antologia de Estobeu são numerados de B169 a B297; a menos abalizada coleção de “Democrates” tem a numeração B35-115. A edição mais completa é a de S. Luria, *Democritea* (Leningrado, 1970), mas esta é pouco acessível. Um pequena seleção dos textos originais (infelizmente omitindo alguns dos importantes fragmentos éticos de Demócrito), com introdução e comentário, pode ser encontrada em M. R. Wright, *The Presocratics* (Bristol: Bristol Classical Press, 1985).

As traduções inglesas dos fragmentos que usei são citadas a partir de:
B J. Barnes, *Early Greek Philosophy* (Harmondsworth: Penguin, 1987) [citadas pelo número da página];

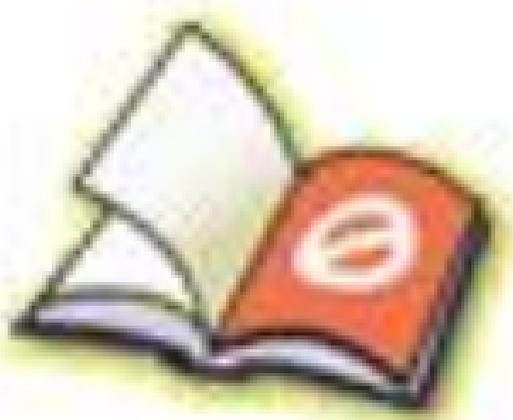
C/M P. Curd, R. D. McKirahan Jr., *A Presocratics Reader: Selected Fragments and Testimonia*, (Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1995);

G/W M. Gagarin, P. Woodruff, *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists* (Cambridge: CUP, 1995);

K/R/S G. S. Kirk, J. E. Raven, M. Schofield, *The Presocratic Philosophers*, 2.ed. (Cambridge: CUP, 1983) [esta edição fornece também o original em grego];

P. F. Procopé, “Democritus on Politics and the Care of the Soul: Appendix”, *Classical Quarterly*, v.40, p.21-45, 1990 [esta edição fornece também o original em grego].

Ocasionalmente, alterei as passagens citadas, quando a tradução não me pareceu satisfatória. Mais ocasionalmente ainda, eu mesmo fiz a tradução.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mente. De qualquer forma, Demócrito nasceu em Abdera, e parece que ocupava um cargo público, afirmação possivelmente confirmada por moedas com a legenda “no período de Demócrito”, datadas de cerca de 414 a. C. Ao contrário de Aristóteles (nascido em 384 a. C.), seu companheiro do Norte, Demócrito não emigrou para o Sul, para Atenas. Mas, assim como o seu compatriota e contemporâneo mais velho, Protágoras, Demócrito visitou a cidade coroada de violetas. Só que a sua recepção foi, alegadamente segundo suas próprias palavras, bem diferente: “Cheguei em Atenas, e ninguém sabia quem eu era”. Presume-se que isto tenha se dado após a circulação de, pelo menos, alguns de seus escritos em Atenas, nas últimas décadas do século V, mas antes do estabelecimento, no começo do século IV, das primeiras escolas permanentes de estudos superiores na Grécia, como a de Isócrates (436-338 a. C.) e a de Platão.

Demócrito tinha a fama de realizar muitas viagens dentro e fora da Grécia. Uma fonte citada por Diógenes de Laércio fala de viagens de Demócrito não só ao Egito, onde visitaria os sacerdotes e aprenderia geometria (o que era mais ou menos *de rigueur* naqueles tempos), mas também para a Pérsia, Babilônia (visitando os caldeus), indo até o Mar Vermelho. Segundo outra fonte, Demócrito supostamente teria afirmado que “ele preferia descobrir uma única explicação causal [*aitiologia* – palavra talvez cunhada pelo próprio Demócrito] a tornar-se o Grande Rei da Pérsia” (D/K B118). Provavelmente esta observação baseava-se em experiências de primeira mão do poderoso Império Persa, fundado por volta de 550 a. C. e que chegou a se estender do Punjab até o Mediterrâneo oriental. Por outro lado, a afirmação, no recente romance histórico, segundo o qual Demócrito teria uma ligação com a Pérsia por meio de casamento, parece um tanto forçada.⁵

5 Gore Vidal, *Creation* (1981).



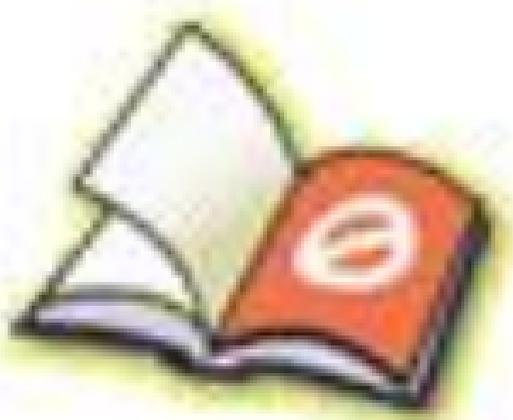
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

os mitos), das hipóteses explanatórias, foi um movimento crucial comum a todos eles – independentemente de suas próprias crenças e práticas religiosas pessoais. É preciso enfatizar o quanto essa mudança foi extraordinária. A afirmação atribuída ao próprio Tales de que “todas as coisas estão cheias de deuses” era uma noção na qual os gregos comuns, não-intelectuais, habitualmente baseavam as suas ações e em torno da qual se organizava boa parte da sua vida cotidiana. No entanto, a partir de Tales e durante os próximos séculos, a distinção e separação do que chamaríamos de religião e ciência foi vital para o projeto intelectual da investigação da natureza. Isto foi talvez o cerne essencial do que freqüentemente é chamado de Iluminismo Grego.

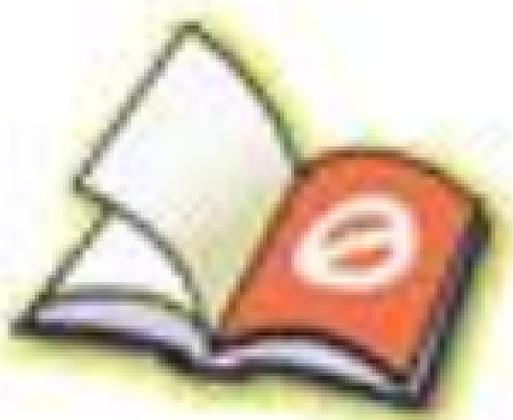
Platão, quase inevitavelmente, tomou a liberdade de discordar. E devemos principalmente a Platão o fato de, quase sem exceção, os cientistas e filósofos conhecidos coletivamente como pré-socráticos, e dos quais Demócrito foi o último, não terem sobrevivido para se dirigir a nós com suas próprias palavras. Pois era, em grande parte, o propósito de Platão – que neste sentido demonstra plenamente o caráter agonístico ou competitivo de toda *intelligentsia* da antiga Grécia – o de colocar fora de campo e expulsar do mercado todos os filósofos anteriores, exceto Sócrates – ou ao menos a sua representação de “Sócrates”. Platão atingiu esse objetivo quase totalmente. De Protágoras, por exemplo, temos apenas seis exemplos, na maioria sumários, daquilo que poderiam ter sido suas *ipsissima verba*. Paradoxalmente, de fato, ele é mais conhecido pelo diálogo socrático de Platão *Protágoras*, escrito em sua homenagem. Quanto a Demócrito, Platão, como é notório, simplesmente omite o nome e os escritos daquele, embora (sobretudo no *Timeu*) ele justamente denuncie, mesmo que indiretamente, que o conhecia. E, embora nós tenhamos muito mais que seis “fragmentos” atribuíveis a Demócrito – quase 300 no total, e as duas coleções antigas mais importantes abrangem uns 200 –, são, mesmo assim, lamentavelmente poucos os fragmentos conservados, comparados



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

No entanto, o conhecimento da verdade absoluta não era, a seu ver, acessível:

O homem precisa aprender a partir do princípio de que ele está muito longe da verdade. (D/K B6; C/M 23)

No entanto, ficará claro que conhecer como cada coisa é na realidade, é um quebra-cabeça. (D/K B8; B p.253)

Não sabemos nada verdadeiramente, pois a verdade se encontra escondida nas profundezas. (D/K B117)

Neste ponto, Demócrito concorda com os sofistas. Por outro lado, a evidência empírica dos sentidos, conforme interpretada dentro do esquema atomista, dava escopo para avançar além do convencionalismo meramente relativista:

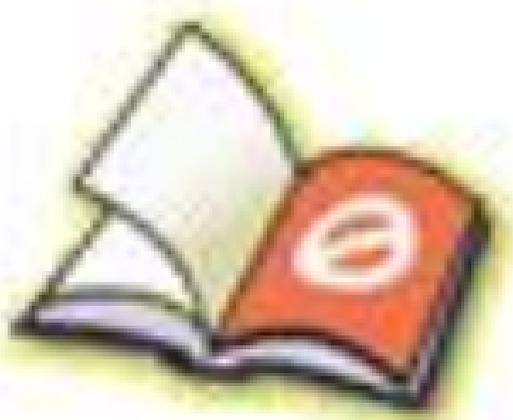
Não sabemos nada de verdadeiro sobre coisa nenhuma, mas para cada um de nós opinar é um rearranjo [de átomos da alma]. (D/K B7)

Na verdade, nós não sabemos nada infalivelmente, mas somente na medida em que as coisas mudam de acordo com a disposição de nosso corpo, e das coisas que entram nele e se impingem nele. (D/K B9)

E Demócrito faz uma nítida distinção, distinção essa fundamental para a sua teoria positiva ética e política, entre o que é agradável e subjetivamente variável, e o bem ou a verdade objetivamente determináveis:

Para todos os humanos, é boa e verdadeira a mesma coisa, mas pessoas distintas consideram agradáveis coisas distintas. (D/K B69; McK 30)

Diversas fontes relatam que Demócrito era um grande estilista, falando, de um fôlego, dele e de Platão. Se podemos confiar em Galeno, Demócrito pode ter antecipado o desenvolvimento do diálogo, aperfeiçoado para uma arte completa por Platão. Parece, ao menos, que ele compôs um minidiálogo, um *agon* (competição), opondo o Intelecto aos Sentidos. Isto



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

por natureza for divisível em todos os lugares, então, se ele fosse dividido – seja por sucessivas bissecções ou por qualquer outro método –, nada de impossível teria ocorrido...

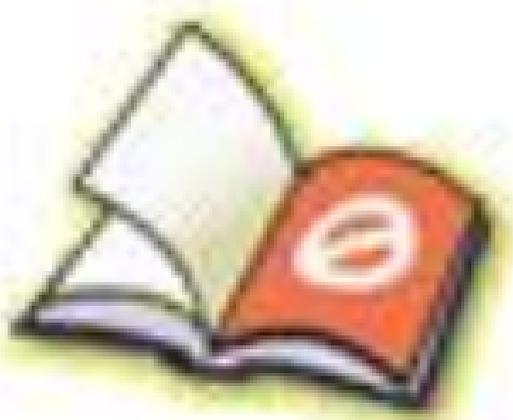
Aristóteles, então, continua a explanação, por meio de um paradoxo – não reproduzindo, necessariamente, os argumentos do próprio Demócrito, mas adaptando, presumivelmente, um material genuinamente democritiano (que poderia ter sido elaborado para se contrapor, da mesma forma, ao tipo de argumentação paradoxal diletta de Zenão de Eléia, conforme abaixo):

Vamos supor que um corpo seja divisível por toda parte, e vamos supor, ainda, que ele tenha sido dividido assim. O que então restaria? Não uma magnitude, é claro, uma vez que esta poderia continuar sendo dividida, e nós supusemos que ela fosse divisível em todos os lugares. Mas se admitíssemos que não restaria nem um corpo, nem uma magnitude, e mesmo assim a divisão devesse ter lugar, então o corpo deve ser composto de pontos, com componentes sem nenhuma magnitude ou, então, composto de nada, de modo que ele viria a ser a partir de nada e seria composto de nada, e o corpo inteiro não seria nada mais do que uma aparência ... Mas é absurdo pensar que uma magnitude consista de algo que não sejam magnitudes. (D/K A9; B p.250-1)

Portanto, para Demócrito, os corpos não são infinitamente divisíveis; e o cosmos tem de consistir em átomos, *a-toma* ou “indivisíveis”, e de não-corpos, ou do vazio, que é um espaço sem nada realmente existente. Aristóteles, no entanto, não estava convencido disso; para ele, os corpos eram, potencialmente, infinitamente divisíveis. Mas, nem mesmo o peso da autoridade de Aristóteles foi considerado universalmente determinante. Mais significativamente, o seu contemporâneo mais novo, Epicuro, reafirmou o atomismo, no fim do século IV e começo do III a. C., numa economia explanatória, embora o antiteleológico Epicuro provavelmente considerasse o atomismo resolutamente materialista de Demócrito congenial por outras razões, além das puramente “científicas”.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O *status* empírico, ou a base dessa descrição, não é menos tênue, apesar de que, de qualquer forma, o comportamento “igual com igual” dos átomos liga-se presumivelmente à tradicional regra do comportamento “igual com igual” das coisas, tanto animadas quanto inanimadas, que, em outra passagem, Demócrito elabora como segue (a referência ao “turbilhão da peneira” é sugestiva):

Os animais, diz ele, congregam-se com animais da mesma espécie – pombos com pombos, grouis com grouis –, e o mesmo ocorre com os outros animais irracionais. Isso também se dá com as coisas inanimadas, como podemos ver nas sementes numa peneira ou nos seixos à beira-mar. Pois, no primeiro caso, o turbilhão da peneira arranja separadamente lentilhas com lentilhas, grãos de cevada com grãos de cevada e grãos de trigo com grãos de trigo; e, no outro caso, pelo movimento das ondas, os seixos ovais são impelidos para junto dos seixos ovais, os seixos redondos para junto de outros seixos redondos, como se a similaridade nas coisas contivesse algum tipo de força para juntar as coisas. (D/K B264;¹¹ B p.249)

Tampouco fica claro como a formação do mundo deveria ocorrer segundo os princípios democritianos. A descrição acima parece considerar uma teoria de dois estágios: primeiro, no interior de uma grande mancha de vazio, uma grande coleção de átomos torna-se isolada; depois, a coleção de átomos assim constituída forma, por sua vez, um turbilhão ou vórtice (*dinê*). Mas não é especificado como precisamente se supõe que isto ocorra, a não ser em termos teóricos gerais de “necessidade”:

Tudo acontece de acordo com a necessidade; pois a causa do vir-a-ser de todas as coisas é o turbilhão (vórtice), que ele [Demócrito] chama de necessidade. (Diógenes Laércio 9.45; K/R/S 566)

¹¹ Indicação correta da citação: B164 (cf. “Os Pensadores”, volume Pré-Socráticos). (N. T.)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

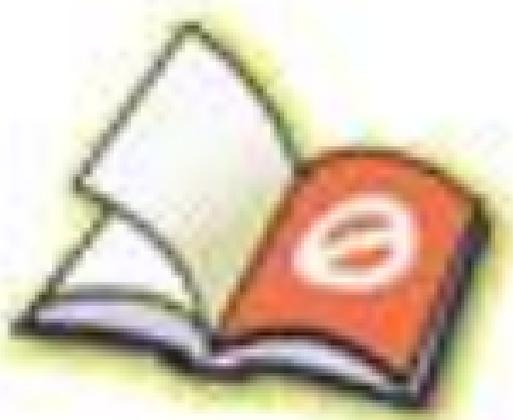
passagem; no entanto, uma versão secularizada daquele mito se encontra no autor conhecido como o “Anônimo de Jâmblico”, que foi identificado, de modo bastante plausível, como Demócrito:

...se os homens foram por natureza incapazes de viver sozinhos, e, portanto, se juntaram, por necessidade, e desenvolveram todo o seu modo de vida e as habilidades requeridas para essa finalidade, e não podem viver uns com os outros sem lei – por todos esses constrangimentos, a lei e a justiça reinam entre nós e jamais serão destituídas, pois a sua força está gravada em nossa natureza. (G/W p.293)

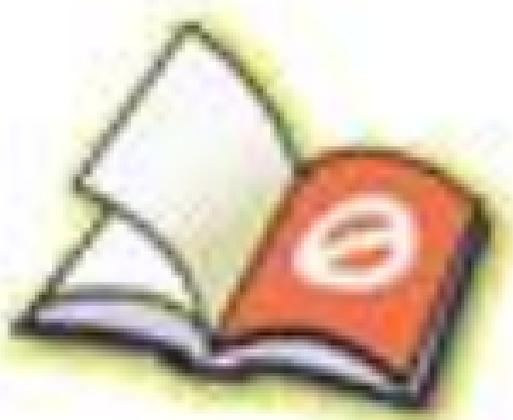
Para o “Anônimo de Jâmblico”, portanto, a natureza humana é, em parte, um aprendizado por meio da experiência – assim como para Demócrito, em textos que podem ser atribuídos a ele com mais segurança. De fato, Demócrito vai mais longe, aparentemente afirmando que, em certo sentido, é a pessoa que se faz a si mesma:

A natureza e o aprendizado estão intimamente relacionados; pois o aprendizado reforma uma pessoa, e, ao reformá-la, recria a sua natureza. (D/K B33; G/W 33)

Nós voltaremos a essa controversa contenda no contexto dos ensinamentos éticos e políticos do próprio Demócrito.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nesse mesmo espírito “hipocrático” que o próprio Demócrito teria dito:

...se tu te abrisses, encontrarias dentro de ti um grande e variado depósito e um tesouro de males, que não provêm de fora, mas têm fontes internas e nativas. (D/K B149; B p.264)

Para esses males, a cura que ele defendia era a medicina, ou seja, a medicina racional, que:

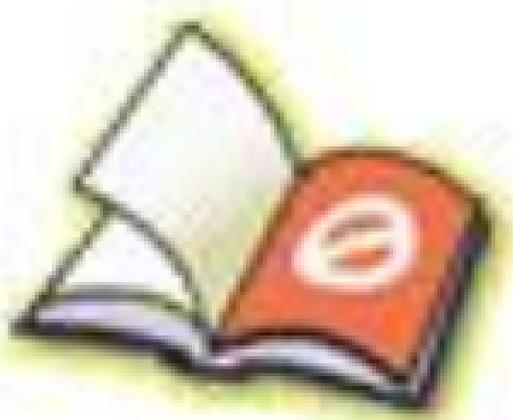
...cura as doenças do corpo, [assim como] a sabedoria limpa a alma das paixões. (B p.265)

Justamente o modo errado de lidar e de pensar a respeito dos cuidados com a saúde, segundo Demócrito, seria solicitar alívio aos deuses:

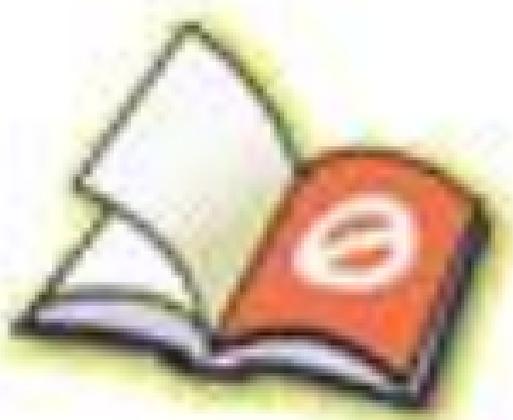
Os homens pedem saúde em suas preces aos deuses: eles não entendem que o poder para obtê-la está em si mesmos. Pela falta de autocontrole, eles realizam ações adversas e traem a saúde pelos seus desejos. (D/K B234; B p.275)

Portanto, o que separava a saúde física da saúde mental e moral, segundo Demócrito, não era mais do que um pequeno passo. O objetivo da limpeza ética da alma individual poderia ser convencionalmente descrito como felicidade (*eudaimonía* – embora essa igualmente convencional tradução mascare o elemento de sorte e a conotação do sucesso mundano transmitido pelo termo grego) ou, mais especificamente, como alegria (*euthumiê* – vide a próxima seção). Como afirma Clemente de Alexandria, “Demócrito e Platão colocam ambos o lugar da felicidade na alma” (D/K B170; B p.265), e talvez o próprio Demócrito tenha escrito algo como:

A felicidade não reside em rebanhos nem em ouro: a alma é o lugar onde reside o destino do homem. (D/K B171; B p.265)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Esta recomendação incomum talvez esteja relacionada à sua aparente degradação do próprio ato sexual, embora também possa fazer parte do que eu chamei de seu “puritanismo” em relação a prazeres físicos em geral:

Os homens têm prazer em se coçar – eles sentem o mesmo prazer que aqueles que estão tendo uma relação sexual. (D/K B127; B p.264).

De qualquer forma, como quer que elas tenham sido adquiridas, as crianças precisavam ser formalmente educadas, embora ele insistisse que isto poderia e deveria ser conseguido sem muitos custos:

É possível educar os seus filhos sem gastar muito dinheiro, e assim construir um muralha protetora em volta de suas pessoas e propriedade. (D/K B280; G/W 37).

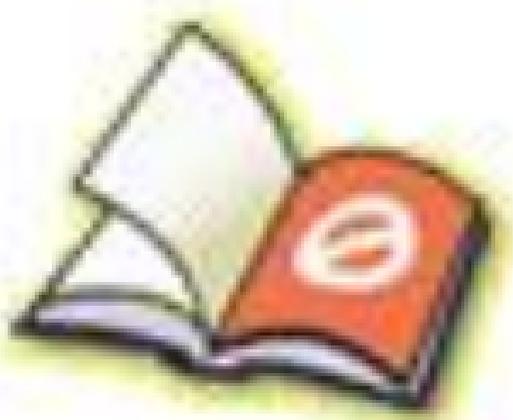
Ocasionalmente, no entanto, o objetivo da educação não precisava ser meramente conservador, para assegurar a transmissão sólida de valores herdados pela sociedade, mas sim a transformação individual radical:

A natureza e a educação estão intimamente relacionadas; pois a educação reforma uma pessoa e, ao reformá-la, refaz a sua natureza. (D/K B33; G/W 33).

Uma vez educado para entender a sua capacidade natural, um cidadão era novamente exortado a seguir o caminho da moderação:

Quem quiser levar uma vida de satisfação não deve empreender muitas atividades, nem públicas nem privadas, nem fazer algo que vá além de sua habilidade e natureza. (D/K B3; G/W 31).

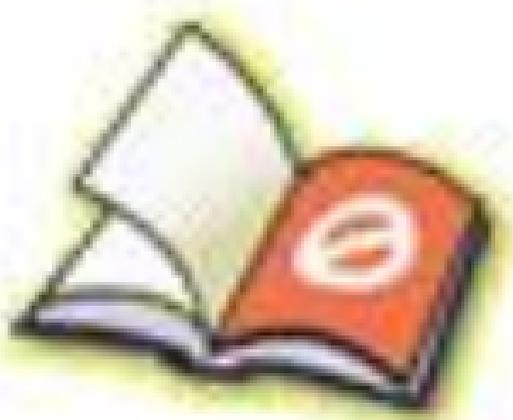
Pode haver aqui um tom subjacente da crítica favorita da oligarquia em relação às intensas atividades democráticas de bisbilhotice (*polypragmosynê*), mas, se é este o caso, ficou na



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Antes, talvez, já que Demócrito certamente tinha muitas qualidades de pensamento e expressão em comum com Tucídides,²² ele compartilhasse também a preferência revisionista notavelmente avançada do historiador ateniense por uma forma “mista” de constituição, nem democrática nem oligárquica, que poderia fornecer, de alguma maneira, poder político, privilégios e reconhecimento adequados tanto para os poucos ricos quanto para os muitos pobres. A essa mistura, Tucídides chamou de *krasis*, que é a forma ateniense da palavra do próprio Demócrito, *krêsis*, para a desejável ponderação auto-reguladora ou o “equilíbrio dinâmico” (Vlastos) que caracterizava um estado saudável da alma.

Deixamos a grande questão para o final. No caso limite, será que Demócrito estaria preparado a sacrificar o envolvimento na vida pública da política, muitas vezes um jogo bastante sujo, a fim de manter a sua alma saudável e limpa? Coloque a questão de outro modo: será que todos aqueles fragmentos que afirmam ou implicam um compromisso com a virtude pública, de promover o bem da comunidade política como um todo, devem ser considerados como superados pelos fragmentos que se centram na necessidade de fortalecer e manter a melhor condição possível da alma individual de cada um?

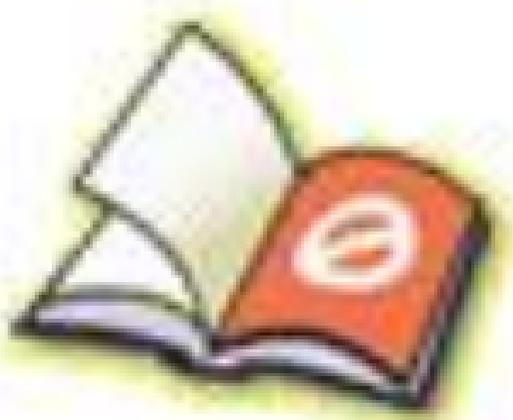
Talvez seja surpreendente que, de todos os escritores antigos, tenha sido Diógenes Laércio (9.45) quem melhor captou a essência da ampla filosofia ética de seu objeto biográfico:

O objetivo ou resultado (*télos*) é a *euthymía*, embora esta não seja o mesmo que prazer (como alguns erradamente entenderam que fosse, por tradição ou por ouvir dizer), mas o estado no qual a alma está numa condição calma e bem equilibrada, sem ser perturbada por nenhum medo e por nenhuma superstição ou

22 E. L. Hussey, *Thucydidean History and Democritean Theory*, in: P. Cartledge, D. Harvey (Ed.) *CRUX: Essays in Greek History Presented to G. E. M. de Ste. Croix*. London: Duckworth, 1985. p.118-38.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

aspecto alegre e animador do pensamento de Demócrito que mais fortemente aparece na leitura helenista, romana e posterior. Foram talvez adeptos do mais extremo cinismo os primeiros a recolher as máximas sentenciosas (*gnômai, hypothêkai*) legadas com o seu nome na Antigüidade tardia, possivelmente a partir de uma coleção de máximas colocadas em circulação pelo próprio Demócrito. Foi, no mais tardar, nos tempos de Horácio (morto em 8 d. C.) que ele recebeu a alcunha de “o filósofo risonho”, e foi como tal, mais que pelos seus esforços científicos, que ele mais foi louvado na Renascença e nos primeiros períodos modernos. (A primeira menção a ele desde a Antigüidade ocorreu, porém, na obra de Girolamo Fracastoro *De sympathia et antipathia*, de 1545, e a leitura que dele fez o alquimista foi um elo indispensável entre a filosofia natural antiga e a ciência natural experimental no início da idade moderna.)

Para Montaigne, por exemplo, Demócrito foi “um grande e famoso filósofo”, a quem, seguindo o exemplo de Cícero, ele dedicou todo o ensaio “Sobre Demócrito e Heráclito”. A essência da comparação de Montaigne entre o abderita e o seu desconcertante predecessor de Éfeso foi expressa como segue:

Demócrito e Heráclito eram ambos filósofos; o primeiro, achando as circunstâncias humanas tão vãs e ridículas [um Montaigne *avant la lettre*], jamais saía de casa sem um olhar risonho e zombeteiro no rosto. Heráclito, sentindo pena e compaixão por essas mesmas nossas circunstâncias, tinha uma expressão sempre triste, os olhos cheios de lágrimas.²³

23 Na tradução e edição de M. A. Screech de Michel de Montaigne, *The Complete Essays* (London: Allen Lane, 1991) p.339. De acordo com um doxógrafo antigo, no entanto, Demócrito ria era da estupidez da humanidade em não compreender que, no cosmos, tudo que não fossem átomos e o vazio eram meras ficções de convenção.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

CONSULTORIA EDITORIAL:
RAY MONK E FREDERIC RAPHAEL

Demócrito c. 460-c. 370 a.C.

Grandes Filósofos

Citado na Renascença como o “Filósofo risonho” e, em nossa própria época, como o “Profeta do *Quark*”, Demócrito, ao longo da moderna tradição filosófica, tem sido alguém pouco conhecido à parte de seus rótulos.

No entanto, se a imagem do irônico bem-humorado obscurece sua genuína seriedade, a de pai da moderna física nuclear – ainda que, sem dúvida, não totalmente infundada –, com a hipérbole, perde de vista o homem: embora desvanecedora, não faz justiça nem à abrangência dos interesses de Demócrito nem à espantosa originalidade de suas idéias.

Pois suas notáveis investigações levaram-no para muito além do reino da Física e da Química, até a exploração da ciência da existência como um todo. Percepção, identidade pessoal e sociedade; ética, política e lei: como deixa ver a instigante introdução de Paul Cartledge, Demócrito tem muito a nos ensinar a respeito desses e outros temas.

Paul Cartledge é professor de História Grega na Universidade de Cambridge e *fellow* do Clare College. Escreveu, editou e participou da elaboração de muitos livros em sua área de interesse, dentre os quais os mais recentes são *The Greeks* e *The Cambridge Illustrated History of Ancient Greece*.

ISBN 85-7139-350-8



Pintura da capa:
Sem título, 1927,
de Joan Miró.
Cortesia da Tate Gallery

Editora
UNES